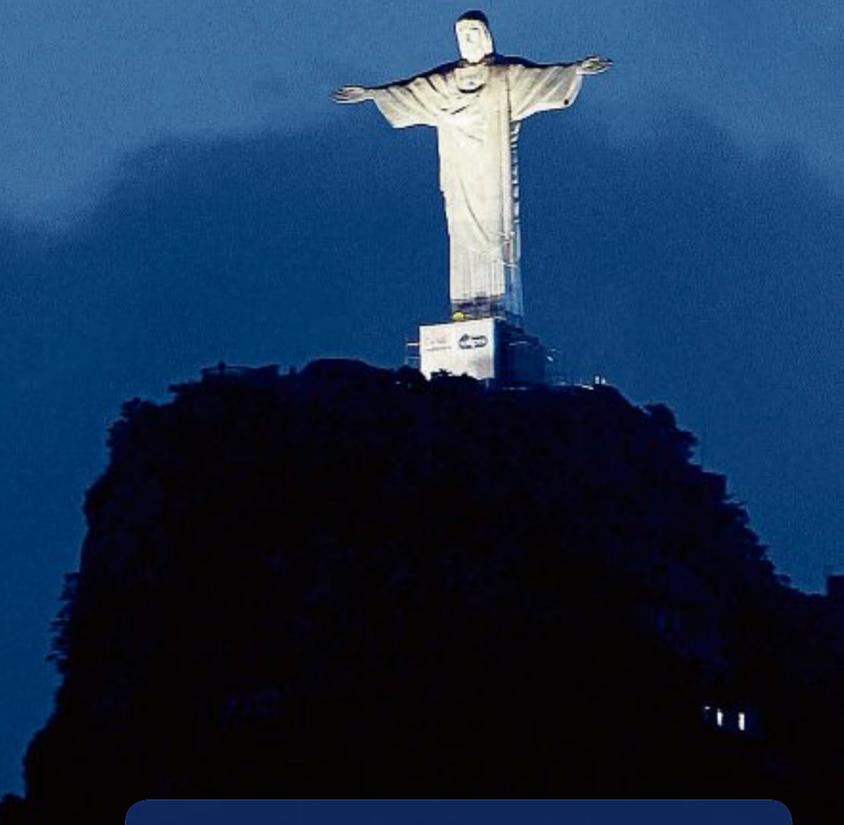


Rio+20

na balança diplomática

Sediar a conferência climática prevista para junho poderá valer ganhos significativos para a política externa brasileira. Mas haverá risco de chamuscadas com temas polêmicos, como o Código Florestal



ARTE SOBRE FOTO DE FELIPE DAVILA, AP

Especial

JÚLIA OTERO

Nada de sair plantando árvores, proibir o uso de carro ou cortar de vez a emissão de monóxido de carbono. As medidas que provavelmente serão acordadas na Rio+20, entre 13 e 22 de junho, apenas renovam compromissos selados há pelo menos vinte anos. Mesmo assim, desponta na conferência um provável vencedor: a diplomacia brasileira.

Bjorn Lomborg, um dos maiores estudiosos do meio ambiente, reforça a tese de que o país sairá fortalecido. – O Brasil tem uma forte reputação ambiental. Sediar uma grande conferência recheada de belos discursos e um longo e floreado documento final definitivamente fará o Brasil ficar com uma boa imagem, mesmo que não haja resultados práticos – afirmou o dinamarquês, em entrevista via e-mail.

Para Pedro Paulo Funari, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e especialista em relações internacionais, o Brasil sairá “do lado dos bons”.

E isso conta muito quando se fala em política externa. Passar uma imagem de nação preocupada com o meio ambiente não só recebe simpatia mundial, como sinalizou Lomborg, mas também atrai potenciais novas alianças. E a Rio+20, capaz de reunir 193 chefes de Estado, pode ser uma grande vitrine. O Brasil, porém, nem sempre foi o

mocinho da história. Em 1992, quando sediou a Eco92, pesavam sobre sua reputação acusações de má conduta na Amazônia e a falta de políticas que protegessem a natureza. André Corrêa do Lago, negociador-chefe da delegação brasileira para Rio+20, explica por que o país decidiu fazer o evento de vinte anos atrás:

– O Brasil considerou que era mais importante, em vez de ter uma posição defensiva, trazer o mundo para cá e discutir as questões.

A tática deu certo. Passados vinte anos, repete-se a receita. Como país-sede, o Brasil deve coordenar os rumos de um consenso no documento final, no qual devem constar as resoluções que os membros da ONU aprovam por unanimidade. Achar um ponto em comum entre tantos países, com diferentes interesses, não é tarefa fácil, mas a organização se mostra otimista.

Giancarlo Summa
Diretor do Centro de
Informação das Nações Unidas
para o Brasil

“O Brasil tem um papel de liderança nesta conferência. Tanto do ponto de vista concreto, logístico, quanto o papel político.”

– O fato de o Brasil se situar tanto no bloco dos países em desenvolvimento quanto no bloco dos países desenvolvidos, dependendo da ótica e do filtro pelo qual você olhe, possibilita ter um papel de ponte, de construção de consensos – defende Fernando Lyrio, assessor extraordinário do Ministério do Meio Ambiente para a Rio+20.

Se duas décadas atrás o Brasil não tinha reputação para exigir atenção com a sustentabilidade, agora o quadro mudou. Mas ainda há riscos calculados.

Infraestrutura do evento será espelho para 2014 e 2016

Segundo os especialistas, a única chance de a política externa brasileira sair prejudicada é se a infraestrutura da reunião ou do Rio deixar a desejar. Projetaria insegurança quanto ao sucesso da Copa de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016. E serão mais de 5 mil jornalistas cadastrados para a conferência, fora pelo menos 50 mil visitantes inscritos.

Menos mal para a diplomacia brasileira que o sucesso ou o fracasso de conferências ambientais não costumam trazer consequências para os países-sedes. É o que afirma Jacques Marcovitch, professor de relações internacionais da Universidade de São Paulo (USP) e especialista em meio ambiente:

– Muitos observadores consideram estes eventos frustrantes.

nossomundo@zerohora.com.br

O que está em jogo

Os dois temas centrais da Rio+20:

1 – A Economia Verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza

2 – A estrutura institucional para o desenvolvimento sustentável

Foram identificadas ainda

26

áreas críticas para ação, incluindo água, energia, direito a alimentação, cidades, oceanos, preparação para desastres e erradicação da pobreza.

Para especialistas, Código Florestal causa desgaste

Especialistas ouvidos pelo Nosso Mundo apontam que o Brasil tem boas políticas voltadas à biodiversidade. Investe em energias limpas, criou uma política nacional de resíduos sólidos e conta com leis para evitar o desmatamento. Mas o novo Código Florestal, aprovado pelo Congresso e ainda sem sanção da presidente Dilma Rousseff, pode prejudicar a imagem do país no Exterior.

– Essa aprovação é negativa, porém não podemos nos esquecer de que o governo brasileiro foi contra. O governo ainda pode, inclusive, vetar alguns pontos – opina Pedro Paulo Funari, professor da Unicamp.

Wagner Costa Ribeiro, professor de geografia da USP e autor de livros de geografia política e meio ambiente, considera que a aprovação do Código não é uma atitude isolada. Para ele, o governo Dilma é caracterizado por uma flexibilização das leis ambientais em aspectos como cultivo de transgênicos e instalação de grandes hidrelétricas na Amazônia, como Belo Monte.

– São vários exemplos que mostram que o governo na verdade é desenvolvimentista e não está preocupado com as questões ambientais – critica.

O governo admite o texto aprovado no Código poderia ser outro.

– O texto que foi votado não é o texto dos nossos sonhos. Mas nós temos que conciliar esses papéis múltiplos que um país como o Brasil tem, o de grande detentor de recursos naturais e, ao mesmo tempo, de um grande produtor agrícola – justifica Fernando Lyrio, assessor extraordinário do Ministério do Meio Ambiente para a Rio+20.

As expectativas das principais potências



REINO UNIDO

“Para o Reino Unido, é extremamente importante que a Rio+20 produza resultados que façam uma diferença real. Acreditamos firmemente que o crescimento sustentável e de longo prazo só possa ser alcançado com a redução das emissões de carbono, o uso eficiente de recursos e a erradicação da pobreza.”

Fonte: Consulado geral do Rio de Janeiro.



ESTADOS UNIDOS

“Estamos comprometidos em contribuir para que a Rio+20 seja uma conferência ímpar, que estabeleça novos padrões e proporcione a oportunidade de reunir atores da comunidade global para traçar um caminho sustentável para o futuro. Defendemos uma declaração final concisa e política que foque em mensagens de alto-nível que sejam factíveis.”

Fonte: Benjamin Chiang, porta-voz do consulado dos EUA em São Paulo.



ALEMANHA

“O Governo Federal da Alemanha acompanha com grande interesse os preparativos para a Rio+20 e está empenhado em fortalecer a política ambiental junto às Nações Unidas e a reforma das suas instituições voltadas ao desenvolvimento duradouro para maior eficiência e coerência, bem como o fortalecimento do Unep (Programa Ambiental das Nações Unidas). A Rio+20 é a chance para uma eficiente reforma das instituições das Nações Unidas.”

Fonte: Hans-Josef Over, Cônsul-Geral do Consulado Geral da Alemanha em Porto Alegre.



CHINA

“A China atribui alta importância à Rio+20 e vai mandar delegação de alto nível para participar da conferência. Esperamos que a Rio+20 possa resumir os avanços da cooperação internacional nas áreas de ambiente e desenvolvimento ao longo dos 20 anos, construir um consenso, adotar ações concretas, e impulsionar a causa de desenvolvimento sustentável global.”

Fonte: Li Xiaoyu, conselheiro de Imprensa da Embaixada da China no Brasil.